

## O Catecismo Católico e um conceito central: a *participatio*

Jean Lauand<sup>1</sup>  
Elie Chadarevian<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo discute o papel central desempenhado pelo conceito de *participatio* (Tomás de Aquino) no novo Catecismo da Igreja Católica (1997) em suas quatro partes: A profissão de fé; A celebração do mistério cristão; A vida em Cristo e a Oração cristã.

**Palavras chave:** Catecismo da Igreja Católica. Participação. Tomás de Aquino.

**Abstract:** This article discusses the central role played by the concept of *participatio* (Thomas Aquinas) in the new Catechism of the Catholic Church (1997) in its four parts: The profession of faith; The celebration of the Christian Mystery; Life in Christ and Christian prayer.

**Keywords:** Catechism of the Catholic Church. Participation. Thomas Aquinas.

### O novo Catecismo da Igreja Católica

Com a carta apostólica *Laetamur Magnopere* (1997) o Papa João Paulo II promulgou o texto definitivo do Catecismo da Igreja Católica (a partir de agora, abreviado por CIC).

De fato, já havia passado mais de 400 anos desde a publicação do último Catecismo da Igreja Católica (o do Concílio de Trento, em 1566) e em 1992 foi lançado mundialmente um novo Catecismo, em versão provisória, como preparação para uma edição definitiva, que veio à luz em 1997.

João Paulo II, na Constituição Apostólica *Fidei Depositum* conta que o novo Catecismo foi inicialmente redigido por sete Bispos supervisionados por uma Comissão de doze Cardeais e Bispos, recebendo, ao longo de sucessivas redações, sugestões de peritos e bispos de todo o mundo.

Sobre esse texto (o provisório, de 1992, abreviado por C-92), uma nova comissão, desta vez composta só por membros da Cúria Romana (sob a presidência do então Cardeal Ratzinger), se encarregou de “corrigir” a versão provisória e preparar o texto definitivo de 1997 (cf. *Laetamur Magnopere*: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_letters/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_15081997\\_laetamur\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_15081997_laetamur_po.html)).

O original de C-92 foi publicado originalmente em francês e o do CIC em latim; em cada caso, as conferências episcopais aprovaram traduções para seus países (daí que, por exemplo, as traduções brasileira e portuguesa tenham redações ligeiramente diferentes).

### A estrutura do CIC

A proposta do CIC é a de incorporar em Catecismo a doutrina do Concílio Vaticano II. Em conferência sobre o CIC, assim se expressou o conhecido teólogo frei Carlos Josaphat (in CNBB, 2012 <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/noticias/10276-sintese-do-congresso-de-20-anos-do-catecismo-e-sobre-o-ano-da-fe>):

---

<sup>1</sup>. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)

<sup>2</sup>. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo.

O catecismo atual mostra como o Vaticano II perpetua o essencial dos concílios anteriores e os enriquece. O CIC procura enfrentar o desafio lançado hoje à vida cristã. A escolha e ajustamento dos quatro pilares seguem a opção dos relatores de Trento e o consideram como quadro doutrinal, introduzindo a totalidade das orientações sob o ponto de vista da fé e prática da fé.

De fato, segundo a Constituição Apostólica *Fidei Depositum Fidei* (a partir de agora, citada como FD), com que o Papa João Paulo II abre o Catecismo “ele traz ‘coisas novas e velhas’ (Mt 13,25), porque a fé é sempre a mesma e, simultaneamente, é fonte de luzes sempre novas” capazes de “iluminar as novas situações e os problemas que ainda não tinham surgido no passado” ([http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_constitutions/documents/hf\\_jp-ii\\_apc\\_19921011\\_fidei-depositum\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum_po.html)). Se o antigo *Catecismo Romano* surgiu como fruto do Concílio de Trento; hoje, após o Concílio Vaticano II, o Catecismo da Igreja Católica pretende definir a Fé e a Moral da Igreja ante o mundo atual. E precisamente o conceito de *participatio* pode exercer um papel preponderante nessa nova visão.

Em 1985, por ocasião do 20º aniversário do Vaticano II, o Papa convocou Bispos de todo o mundo para um Sínodo e a quase totalidade desses Bispos "expressaram o desejo de que fosse composto o Catecismo" (FD). Atendendo a este desejo, o Catecismo da Igreja Católica “tem por fim apresentar uma exposição orgânica dos conteúdos essenciais e fundamentais da doutrina católica sobre a fé e a moral, à luz do Concílio Vaticano II e do conjunto da tradição da Igreja” (CIC #11).

O texto - 2865 pontos ou parágrafos - está dividido em 4 grandes partes:

1. A doutrina de fé (comentando o Credo)
2. A celebração do mistério cristão (liturgia e sacramentos)
3. A vida em Cristo (os mandamentos - a moral) e
4. A oração cristã (O Pai Nosso).

“Retoma assim a ‘antiga’ estrutura, tradicional” (FD). Compõe-se de pontos numerados, parágrafos de 6 linhas, em média. No final de cada capítulo, uns pontos intitulados “Resumindo” recolhem o conteúdo essencial do capítulo.

Não é em forma de perguntas e respostas, nem o tom é propriamente argumentativo, mas sim o de uma exposição, para o homem de hoje, da doutrina da Igreja. Baseia-se na Sagrada Escritura, na doutrina dos Padres da Igreja, na Liturgia, no Direito Canônico e - e isto é uma novidade - nas vidas e nos ensinamentos dos santos.

“Deve servir de referência - diz João Paulo II - segura e autêntica para o ensino da doutrina católica e para a composição dos catecismos locais” (FD). “O Catecismo – continua a FD - não muda nada a doutrina católica de sempre; o que nela era fundamental e essencial continua sendo... Simplesmente o conteúdo é expresso de uma forma nova a fim de responder aos questionamentos de nosso tempo ... E que ajude a iluminar com a luz da fé as situações novas e os problemas que no passado não se tinham apresentado”.

Nesse sentido, a imprensa da época falou, a propósito do CIC, em "pecados novos". E, de fato, em certo sentido, há "pecados novos". O apóstolo Paulo fala deles. Depois de descrever no Cap. I de Romanos toda a gama de misérias de que é capaz o homem afastado de Deus, Paulo reconhece que naquela sociedade (e não só nela...) há gente “engenhosa no mal, inovadora no mal” (Rom I, 30). E é evidente que os métodos do mal evoluíram: o Gênesis fala que Caim “lançou-se contra seu irmão

Abel e o matou”; hoje, *evoluímos* tanto que podemos usar metralhadora, laser, napalm, ou discretos miligramas de cianureto... Há “pecados novos” na medida em que se a verdade é uma só, as possibilidades de desvio são infinitas...

Mas o Cardeal Ratzinger estava empenhado em não mudar nada na moral. E “corrigiu” a versão C-92. Em 1986 João Paulo II Papa constituiu uma comissão de 12 membros (de bispos dos 5 continentes) sob a presidência do Card. Ratzinger e do Card. Bernard Law de Boston. Sete especialistas em Teologia e catequese o redigiram. A comissão trabalhou ao longo de 6 anos. Em 1989 a minuta do texto foi enviada a todos os bispos do mundo e a todos os institutos de teologia do mundo e recebeu 25.000 propostas de emenda, que foram pacientemente examinadas. Aprovado em 25-6-92, foi promulgado em 11-10-92 (30º aniversário da abertura do Vaticano II).

Para que se possa avaliar o teor das mudanças doutrinárias de C-92 para CIC, recolhemos aqui trechos de um estudo anterior (Lauand 2013 <http://www.hotopos.com/isle15/129-134Jean.pdf>), apontando a ratzingerização do CIC: atitudes que eram permitidas na versão provisória, passaram a ser pecado na versão definitiva etc.

Assim, por exemplo, o ponto 2358 de C-92 trazia a formulação:

Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais inatas profundamente radicadas. Não são eles que escolhem sua condição homossexual...

Já com os cortes do CIC, o mesmo ponto ficou assim:

Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas.

Outro exemplo: nas edições espanholas, algumas mudanças de C-92 para CIC aparecem ainda mais acentuadas. Como no caso do ponto 2352, no qual C-92 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad moral*”; formulação que, em CIC, foi substituída por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”.

Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, auto-avaliando fatores subjetivos). Como também a substituição de “anulam a culpabilidade moral” por “talvez reduzir ao mínimo a culpabilidade moral”. Afinal, a própria existência do sacramento da confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida discretamente por pontos na carteira como nas infrações de trânsito, que vão desde as gravíssimas (7 pontos), passando pelas grave e média, até a leve, punida com os *mínimos* 3 pontos. A culpa moral, bem como seus atenuantes ou *excludentes*, pertencem ao delicado âmbito da consciência e não podem ser observadas com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres ou a de um bafômetro que indica a presença de álcool no sangue em índices superiores a 0,05 mg/litro.

Como fica o problema pastoral da absolvição? De 1992 a 1997, havia fatores psíquicos ou sociais que podiam anular a culpa da masturbação; desde 1997 já não: o fiel deve, então, confessar seus não pecados, da época, que passaram a ser pecado?

Mas não são essas questões as que nos interessam tematicamente aqui; demos estes exemplos apenas para registrar a problemática de uma versão “provisória” de um texto tão importante como o CIC. Seja como for, como dizíamos, e ênfase no conceito de *participatio* pode propiciar mudanças, também no modo de encarar a moral.

## **O Compêndio do CIC**

O CIC complementa-se com a publicação em 28 de junho de 2005 do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica.

O Compêndio é um resumo do CIC, sob a forma de perguntas e respostas e que contém de forma resumida os principais elementos da doutrina e da moral católicas.

Destina-se a apresentar "de maneira concisa, todos os elementos essenciais e fundamentais da fé da Igreja, de forma a constituir uma espécie de vademecum, que permita às pessoas, aos crentes e não crentes, abraçar, numa visão de conjunto, todo o panorama da fé católica". (Bento XVI *Motu Proprio* para a aprovação e publicação do Compêndio...[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20050628\\_compendio-catechismo.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20050628_compendio-catechismo.html))

O Compêndio, diz Bento XVI, deveu-se à necessidade "de um Catecismo resumido, breve, que contivesse todos e somente os elementos essenciais e fundamentais da fé e da moral católica, formulados de uma maneira simples, acessível a todos, clara e sintética". (<http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/d1r.htm>)

Foi elaborado por uma comissão presidida pelo Cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, nomeada em Fevereiro de 2003 pelo Papa João Paulo II. E o mesmo Ratzinger, já como Papa Bento XVI, que aprovou e promulgou o Compêndio, através dum *motu proprio* publicado a 28 de Junho de 2005.

A estrutura deste compêndio é exatamente a mesma – as quatro grandes partes do CIC. Em apêndice, apresenta ainda algumas orações comuns e fórmulas da Doutrina católica.

## ***O conceito de participação em Tomás***

Neste artigo procuraremos mostrar o significado e o alcance do conceito tomasiano de *participatio* no CIC. Parece-nos que é um conceito central em sua estruturação, um conceito filosófico que será decisivo para as formulações da teologia e da doutrina da fé.

De fato - como procuraremos mostrar - a proposta do CIC depende da doutrina da participação nas quatro grandes partes em que se divide o CIC: a doutrina da fé (parte I); a liturgia (parte II), a moral (parte III) e até a vida de oração (parte IV)<sup>3</sup>. Essa dependência é particularmente visível quando nos voltamos para aquilo que o CIC apresenta de novo (sobretudo ao relacionar a vida de fé à vida quotidiana) e o que apresenta como especificamente cristão e católico.

Para bem compreender a doutrina da participação é necessário que nos voltemos para Tomás de Aquino, pois esse é um dos tantos pontos em que o CIC se apoia no pensamento de Tomás, o pensador que formulou essa doutrina teológico-filosófica.

---

<sup>3</sup>. Até em termos numéricos é notável a presença das palavras "participação", "participar" e suas derivadas que perfazem um total de cerca de 230 incidências no CIC.

Participação é um conceito central em Tomás<sup>4</sup>, para o qual vale a sugestiva observação de Weisheipl: “Tomás, como todo mundo, teve uma evolução intelectual e espiritual. O fato assombroso, porém, é que, desde muito jovem, Tomás apreendeu certos princípios filosóficos fundamentais que nunca abandonou”<sup>5</sup>.

Essa doutrina encontra-se no núcleo mais profundo do pensamento do Aquinate e é a base tanto de sua concepção do ser como - no plano estritamente teológico - da graça. Indicaremos resumidamente suas linhas principais.

Como sempre, voltemo-nos para a linguagem. Começemos reparando no fato de que na linguagem comum, "participar" significa - e deriva de - "tomar parte" (*partem capere*). Ora, há diversos sentidos e modos desse "tomar parte"<sup>6</sup>. Um primeiro é o de "participar" de modo quantitativo, caso em que o todo "participado" é materialmente subdividido e deixa de existir: se quatro pessoas participam de uma pizza, ela se desfaz no momento em que cada um toma a sua parte.

Num segundo sentido, "participar" indica "ter em comum" algo imaterial, uma realidade que não se desfaz nem se altera quando participada; é assim que se "participa" a mudança de endereço "a amigos e clientes", ou ainda que se "dá *parte* à polícia".

O terceiro sentido, mais profundo e decisivo, é o que é expresso pela palavra grega *metékhein*, que indica um "ter com", um "co-ter", ou simplesmente um "ter" em oposição a "ser"; um "ter" pela dependência (participação) com outro que "é". Tomás, ao tratar da Criação, utiliza este conceito: a criatura *tem* o ser, por participar do ser de Deus, que *é* ser. E a graça nada mais é do que *ter* - por participação na filiação divina que *é* em Cristo - a vida divina que *é* na Santíssima Trindade.

Há - como indica Weisheipl<sup>7</sup> - três argumentos subjacentes à doutrina da participação: 1) Sempre que há algo comum a duas ou mais coisas, deve haver uma causa comum. 2) Sempre que algum atributo é compartilhado por muitas coisas segundo diferentes graus de participação, ele pertence propriamente àquela que o tem de modo mais perfeito. (3) Tudo que é compartilhado "procedente de outro" reduz-se causalmente àquele que é "per se".

No pensamento de Tomás, tanto o ato de ser da criatura como a graça são casos de participação. Na criação, Deus que *é* o ato puro de ser, dá em participação o ser às criaturas, que **têm** o ato de ser<sup>8</sup>. Essa primazia do ser exclui todo "essencialismo" de Tomás, que é, no dizer de Maritain, "o mais existencialista de todos os filósofos"<sup>9</sup>.

Nesse sentido, estão as metáforas de que Tomás se vale para explicar a participação. Ele compara o ato de ser (conferido em participação às criaturas pelo ato criador de Deus) ou a graça (a filiação divina que nos é conferida pela participação na Filiação de Cristo) à luz e ao fogo: um ferro em brasa *tem* calor porque participa do fogo, que "é calor"<sup>10</sup>; um objeto iluminado "tem luz" por participar da luz que *é* na

---

4. Doutrina essencialíssima e que não é aristotélica: daí a problematidade de reduzir Tomás a um aristotélico...

5. Weisheipl, James A. *Tomás de Aquino - Vida, obras y doctrina*, Pamplona, Eunsa, 1994, p. 16.

6. Cfr. Ocáriz, F. *Hijos de Dios en Cristo*, Pamplona, Eunsa, 1972, pp. 42 e ss.

7. *Op. cit.*, pp. 240-241.

8. Para a "participação" do ser em Tomás, cfr. Lauand, L. J. *Razão, Natureza e Graça: Tomás de Aquino em Sentenças*, São Paulo, FFLCHUSP, 1995 e o estudo introdutório a Tomás de Aquino: *Verdade e Conhecimento*, São Paulo, Martins Fontes, 2014.

9. J. Maritain, "L'humanisme de Saint Thomas d'Aquin", in *Mediaeval Studies*, 3 (1941).

10. Evidentemente, não no sentido da Física atual, mas o exemplo é compreensível.

fonte luminosa<sup>11</sup>. Tendo em conta essa doutrina, já entendemos melhor a sentença de Guimarães Rosa: "O sol não é os raios dele, é o fogo da bola"<sup>12</sup>.

### A graça como participação no CIC

Analisemos, agora, o tema de decisiva importância: a diferença essencial do cristianismo: a **graça**. É precisamente pela sua peculiar concepção da graça que o catolicismo (junto com algumas outras igrejas cristãs) não é uma doutrina religiosa a mais, nem consiste em uma série de preceitos (mais ou menos comuns a outras religiões como o Islam ou o judaísmo...). Há esta diferença essencial: Trata-se no catolicismo de uma *vida nova, participação na própria vida íntima de Deus: a vida da graça que principia no sacramento do Batismo*. O alcance e o significado da vocação cristã estão ligados a uma compreensão do alcance e do significado do Batismo.

Ao começarmos a tratar deste tema é muito conveniente "desacostumarmos", recordar (ou, talvez, considerar pela primeira vez...) esta espantosa realidade, que é a própria essência do cristianismo: a graça, a vida sobrenatural. Tudo começa quando o Filho de Deus ao se fazer homem e habitar entre nós, misteriosamente comunica-nos sua divindade pelo Batismo de tal modo que somos - e essa formulação é importante - *participantes da vida divina de Cristo*: como diz o texto essencial de Hbr 3,14. Esta doutrina evangélica é explicada detalhadamente pelo apóstolo Paulo. Aliás, desde o primeiro momento de sua conversão, quando Cristo lhe aparece já lhe propõe a inquietante e infinitamente sugestiva questão: "Saulo, Saulo, por que ME persegues?". E quando Saulo pergunta: "Quem és tu, Senhor?", ouve a resposta: "Eu

---

<sup>11</sup>. Participação envolve, pois, graus e procedência. Tomás parte do fenômeno evidente de que há realidades que admitem graus (como diz a antiga canção de Chico Buarque: "tem mais samba no encontro que na espera...; tem mais samba o perdão que a despedida"). E pode acontecer que a partir de um (in)certo ponto, a palavra já não suporte o esticamento semântico: se chamamos vinho a um excelente Bordeaux, hesitamos em aplicar este nome ao equívoco "Chateau de Carapicuíba" ou "Baron de Quitaúna". As coisas se complicam - e é o caso contemplado por Tomás - quando uma das realidades designadas pela palavra é fonte e raiz da outra: em sua concepção de participação a rigor, não poderíamos predicar "quente" do sol, se a cada momento dizemos que o dia ou a casa estão quentes (se o dia ou a casa têm calor é porque o sol é quente). Assim, deixa de ser incompreensível para o leitor contemporâneo que, no artigo 6 da *Questão disputada sobre o verbo*, Tomás afirme que não se possa dizer que o sol é quente (*sol non potest dici calidus*). Ele mesmo o explica, anos depois, na *Summa Contra Gentiles* (I, 29, 2), que acabamos dizendo quente para o sol e para as coisas que recebem seu calor, porque a linguagem é assim mesmo: "Como os efeitos não têm a plenitude de suas causas, não lhes compete (quando se trata da 'verdade da coisa') o mesmo nome e definição delas. No entanto (quando se trata da 'verdade da predicação'), é necessário encontrar entre uns e outros alguma semelhança, pois é da própria natureza da ação, que o agente produza algo semelhante a si (Aristóteles), já que todo agente age segundo o ato que é. Daí que a forma (deficiente) do efeito encontra-se a outro título e segundo outro modo (plenamente) na causa. Daí que não seja unívoca a aplicação do mesmo nome para designar a mesma *ratio* na causa e no efeito. Assim, o sol causa o calor nos corpos inferiores agindo segundo o calor que ele é em ato: então é necessário que se afirme alguma semelhança entre o calor gerado pelo sol nas coisas e a virtude ativa do próprio sol, pela qual o calor é causado nelas: daí que se acabe dizendo que o sol é quente, se bem que não segundo o mesmo título pelo qual se afirma que as coisas são quentes. Desse modo, diz-se que o sol - de algum modo - é semelhante a todas as coisas sobre as quais exerce eficazmente seu influxo; mas, por outro lado é-lhes dessemelhante porque o modo como as coisas possuem o calor é diferente do modo como ele se encontra no sol. Assim também, Deus, que distribui todas suas perfeições entre as coisas é-lhes semelhante e, ao mesmo tempo, dessemelhante". Todas essas considerações parecem extremamente naturais quando nos damos conta de que ocorrem em instâncias familiares e quotidianas de nossa própria língua: um grupo de amigos vai fazer um piquenique em lugar ermo e compra alguns pacotes de gelo (desses que se vendem em postos de gasolina nas estradas) para a cerveja e refrigerantes. As bebidas foram dispostas em diversos graus de contato com o gelo: algumas garrafas são circundadas por muito gelo; outras, por menos. De tal modo que cada um pode escolher: desde a cerveja "estupidamente gelada" até o refrigerante só "um pouquinho gelado"... Ora, é evidente que o grau de "gelado" é uma qualidade *tida*, que depende do contato, da participação da fonte: o gelo, que, ele mesmo, não pode ser qualificado de "gelado"... Estes fatos de participação são-nos, no fundo, evidentes, pois com toda a naturalidade dizemos que "gelado", gramaticalmente, é um *participio*...

<sup>12</sup>. *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro, José Olympio, 6a. ed., 1979, p. 71.

sou Jesus, a quem tu persegues". E aí precisamente começa a revolucionária revelação: para Saulo, Cristo estava morto e ele perseguia cristãos... E de repente descobre que Cristo é Deus, que Ele ressuscitou e está vivo, não só à direita de Deus Pai, mas de algum modo, em Pedro, João, André, Estevão..., nos cristãos, como dirá o próprio Paulo no essencial Gal 2,20: "Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim". Nesse sentido o CIC afirma que, pelo Batismo, estamos conectados, como que "plugados" em Cristo. Ou para usar a palavra chave (de Hbr 3, 14): *participação*.

# 1265 O batismo não só purifica de todos os pecados, mas faz também do batizando "uma nova criação" (II Cor. 5, 17), *um filho adotivo de Deus tornando-o "participante da natureza divina"* (II Pe. 1, 4), *membro de Cristo* (I Cor. 6, 15; 15,27) e co-herdeiro com Ele (Rom 8,17), *templo do Espírito Santo* (I Cor. 6, 19).

# 1277- *O batismo constitui o nascimento para a vida nova em Cristo.*

A graça nos dá uma união íntima com Cristo: pelo Batismo somos como que enxertados em Cristo (Rom 6,4 e II, 23) e principia em nós a *in-habitação da Trindade*, que se chama vida sobrenatural. Essa nova vida não é que elimina a vida natural, nem a ela está justaposta; pelo contrário, empapa-a, informa-a, estrutura-a por dentro. A espiritualidade cristã - esta é a grande novidade consagrada pelo Vaticano II - dirige-se a que descubramos e cultivemos essa vida interior, também e principalmente em nossa *vida quotidiana*. Pois, pelo Batismo, Cristo habita em nós e a vida cristã - alimentada pelos demais sacramentos - nada mais é do que a busca da plenitude desse processo - realizado pelo Espírito Santo - de identificação com Cristo, que principia no Batismo e tende no limite àquele: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2,20) de S. Paulo.

# 2813 Pela água do Batismo ... durante toda nossa vida nosso Pai "nos chama à santificação"

Cristo vive em seus "terminais": cada cristão não é só nem principalmente alguém que segue um código, é alguém que recebeu e *tem* a própria vida de Cristo. Cada cristão está chamado a ser outro Cristo. Uma das formas de Cristo perpetuar sua presença no mundo - em todos os lugares do mundo, em todas as épocas - é estando presente nos cristãos. Esta presença principia pelo Batismo... E isto é o que se chama graça: a *participação da vida divina* em nós. Isto é precisamente o que outras religiões não aceitam: que nossa vida passa a ser (em participação) a própria vida íntima divina.

# 108 (...) *Todavia a fé cristã não é uma "Religião de Livro". O cristianismo é a religião da "Palavra", não de um verbo escrito e mudo, mas do Verbo encarnado e vivo"*(S. Bernardo).

O conceito fundamental é, portanto, o de graça: uma palavra "técnica" que toca as profundidades da teologia. Graça, no sentido religioso, não por acaso é a mesma palavra que se usa em expressões como "de graça", "gratuito" etc.: a graça é o *dom* por excelência. Para entendermos isto, detenhamo-nos um pouco numa comparação entre a criação (onde Deus nos dá em participação o ser) e a graça (onde Deus nos dá em participação sua própria vida íntima). Graça e criação: ambos são

dom, favor e amor gratuito de Deus; mas a criação é, como diz S. Tomás, o *amor communis* (o amor geral) de Deus às coisas: o amor com que Deus ama as plantas, a formiga, a estrela; entes que *são* por um ato de Amor e de Volição divina. Mas, além desse "amor comum", há ainda (formulação também de Tomás) um *amor specialis*, pelo qual Deus eleva o homem a uma vida acima das condições de sua natureza (vida sobre-natural) e o introduz numa nova dimensão do viver.

A graça, que recebemos no Batismo, é uma realidade nova, uma vida nova, uma luz nova, uma qualidade nova que capacita nossa alma a acolher dignamente, para nela habitemos, as três pessoas divinas. Este *amor absoluto* (S. Tomás) é uma *participação* na vida íntima de Deus; a alma passa assim a ter uma vida nova: nela habita (ou para usar o termo teológico: *inhabita - inhabitatio*, habitação imediata, sem intermediários) a Trindade. Assim, quando se trata de definir a graça, Tomás vale-se das mesmas comparações de participação no ser. Não se trata de um panteísmo porque é participação (Hbr 3, 14; 2Pe 1, 4): TER por oposição a SER. Cristo é o Filho de Deus; nós **temos** a filiação divina. A Filiação do Verbo (que traz consigo toda a vida íntima da Trindade) nos é dada em participação por Cristo, pelo Batismo.

Daí que ser católico não se restrinja a doutrinas, a cerimônias, a práticas ou a cumprir regras de conduta; mas sim a alimentar um processo de identificação com Cristo, por assim dizer, 24 horas por dia. Assim, quando o Catecismo da Igreja Católica declara o Batismo o sacramento da iniciação cristã por excelência está afirmando algo de muito distinto do que um mero "entrar no clube" ou "tirar a carteirinha" de cristão...

# 1212 Pelos sacramentos da iniciação cristã... são colocados os *fundamentos* de toda vida cristã. *A participação na natureza divina...*

Precisamente esta novidade: a graça conferida pelo Batismo (que - frisa o Catecismo - *alcança a totalidade da vida quotidiana*) é a diferença específica entre o cristianismo e as outras religiões: essa espantosa realidade, a própria essência do cristianismo: a graça, a vida sobrenatural, a participação na vida divina. Certamente, a doutrina da graça não é nova, desde sempre tem sido ensinada pela Igreja. Que há, então, de novo? Novo é a ampliação, a extensão e o aprofundamento que o novo Catecismo dá a ela:

# 533 A vida oculta de Nazaré permite a todo homem estar unido a Jesus nos caminhos mais quotidianos da vida...

Nova é a afirmação de que essa identificação com Cristo dá-se - para a imensa maioria dos cristãos - na e a partir da imitação da vida oculta de Cristo (a vida oculta de Cristo, que nem sequer era mencionada no Catecismo anterior - de Trento - e agora ocupa o destaque de todo um capítulo no novo Catecismo). Porque Cristo, princípio da Criação (Jo 1) e autor da Redenção, assumiu toda a realidade humana e toda a realidade do mundo. E assim como misteriosamente no pecado de Adão - Paulo desenvolve isto no Cap. 15 da I Cor - houve para todos um decaimento; em Cristo, novo Adão, há um re-erguimento (Ele, pontífice - construtor de pontes - advogado, primogênito, primícias, "nossa paz" - nosso integrador, etc.). E - tanto em Adão como em Cristo - é afetada toda a criação: Ele é a cabeça do Corpo que é a Igreja. Ele é o Primogênito, o princípio em tudo. E por meio dele Deus reconciliou - e está a reconciliar - consigo todas as criaturas. É o Cristo de Nazaré, em seus 30 anos de vida oculta, anos em que não fez nenhum milagre e viveu uma vida (também ela divina e



redentora) com toda a aparência de absolutamente normal: vida de família normal no lar de Nazaré, de trabalho normal na oficina de José, de relacionamento social normal, vida religiosa normal etc.

# 531 Durante a maior parte de sua vida, Jesus compartilhou a condição da imensa maioria dos homens: uma vida cotidiana sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica submetida à Lei de Deus, vida na comunidade...

# 564 ...Durante longos anos de trabalho em Nazaré, Jesus nos dá o exemplo de santidade na vida cotidiana da família e do trabalho...

Cristo vivo nos cristãos, nos batizados. Cristo vivo no “seo” João da esquina e na D<sup>a</sup>. Maria... Cristo que quer levar sua obra redentora à vida de família, ao mundo do trabalho, às grandes questões sociais etc... Isto não estava dito pelo Antigo Catecismo Romano (do concílio de Trento). Nele, após afirmar nossa conexão em Cristo pelo Batismo, o que se dizia era que, pelo Batismo, o cristão torna-se apto a todos os ofícios da piedade cristã (e é certo que o Batismo é a porta para a recepção de outros sacramentos etc.), *mas não se falava em identificação com Cristo na vida cotidiana*:

Antigo Cat. Rom II, II, 52 Pelo Batismo também somos como membros incorporados, conectados a Cristo cabeça ... o que nos torna aptos a todos os ofícios da piedade cristã. *Per Baptismum etiam Christo capiti tamquam membra copulamur et connectimur ... quae nos ad omnia christianae pietatis officia habiles reddit.*

A Igreja, hoje, convoca cada cristão, o homem da rua, o profissional, o João da esquina e a D<sup>a</sup>. Maria, cada um de nós a ter uma vida espiritual plena, *não apesar de, mas precisamente por* estar no meio do mundo, no dia de trabalho, na vida de família, de relacionamento social etc. É pelo Batismo que cada cristão está chamado - é uma vocação - a reproduzir na sua vida a vida de Cristo (Gal. 2, 20)... A Criação e a Redenção são projetos que se estendem aos cristos que são os cristãos. A partir do momento em que ocorre a Encarnação, o mundo - o mundo do trabalho, a vida cotidiana, a vida de família, a vida política, econômica e social etc. - torna-se algo do maior interesse religioso (cfr. p. ex. os capítulos 8 de Romanos e 1 de Colossenses: a criação anseia pela manifestação dos filhos de Deus, pois Cristo quer re-formá-la em Si). Naturalmente, isto não tem nada que ver com integristas ou clericalismos (cfr. Lauand : <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>).

Deus, que tem poder para fazer das pedras filhos de Abraão (Lc 3,8), quer contar com o amor conjugal de João e Maria para criar uma nova vida. Deus, que poderia fazer as crianças nascerem sabendo inglês e álgebra, quer contar com a tarefa educadora dos professores. Deus quer contar com cristos-cidadãos que construam um mundo de acordo com Seu projeto. Com cristos-engenheiros que canalizem córregos ("não tem um Cristo para acabar com as enchentes em São Paulo?"), com cristos-médicos que identifiquem vírus etc... A redescoberta da Igreja é a da vida cotidiana como chamado a uma plenitude da existência cristã. Cristo, que passou 30 anos trabalhando na vida corrente sem fazer nenhum milagre, é modelo para - "já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim" - o engenheiro, o taxista, o empresário, o torneiro mecânico, a dona de casa, o professor...; para cada cristão que assuma o chamado que recebeu no Batismo. Toda a proposta da Igreja é reformulada a partir do alcance dessa filiação divina que *temos* porque nos é dada em participação da Filiação

que é em Cristo. Se pensamos nas quatro grandes partes do CIC: a doutrina da fé está centrada neste fato fundamental; a liturgia e os sacramentos, também; e o mesmo se dá com a moral e a vida de oração.

# 1692 O Credo professou a grandeza... de Sua criação e da redenção e da obra da santificação. Isto que a fé confessa, os sacramentos comunicam: pelos "sacramentos que os fizeram renascer" os cristãos se tornam "filhos de Deus" (Jo 1,12; 1 Jo 3,1), "participantes da natureza divina" (2 Pe 1,4). E, reconhecendo essa nova dignidade, são chamados a viver desde então "uma vida digna do Evangelho de Cristo" (Fil 1, 27). É pelos sacramentos e pela oração que recebem a graça etc.

Assim, a moral, longe de ser um código ou um manual, é um convite ao reconhecimento da dignidade desse "Viver em Cristo" (título da parte moral do CIC): *Agnosce, christiane, dignitatem tuam!* (S. Leão Magno, CIC # 1691). Para além de proibições e castigos, a moral é uma questão de retribuição de amor a essa presença de Cristo no cristão. Que vou fazer do Cristo que habita em mim? A que vou associá-lo? Com o que vou misturá-lo? "Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo. Ides fazer deles membros de uma prostituta?" (I Cor 6,15) "Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?" (I Cor 3,16). É o homem novo de quem tantas vezes fala o Apóstolo, para quem tudo é lícito mas nem tudo convém (I Cor 6,12).

# 1691 "Cristão, reconhece a tua dignidade. Por participares agora da natureza divina, não te degeneres retornando à decadência de tua vida passada. Lembra-te da Cabeça a que pertences..." (S. Leão Magno)

Neste mundo, em que tantos estão desprovidos de qualquer motivação, a educação cristã - que sabe que Cristo vive no cristão e está interessado em transformar toda a criação pela ação dos cristãos - torna-se fascinante. Sua vida fora desta consciência parece-lhe como o verso de Adélia Prado: "De vez em quando Deus me tira a poesia e eu olho pedra e vejo pedra mesmo".

Nesse quadro ressalta a importância da Missa: é por ela que nosso quotidiano é - por Cristo, com Cristo e em Cristo - *enviado* ao Pai.

# 1367 - O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Missa são um único sacrifício: "A mesma e única Vítima, o mesmo e único Sacerdote que, pelo ministério dos padres, se oferece agora como se ofereceu na Cruz. A única diferença é o modo de oferecer: então, de maneira sangrenta; sobre o altar, de maneira incruenta".

# 1368- A missa é também o sacrifício da Igreja. A Igreja, que é o Corpo de Cristo, participa da oferenda de sua Cabeça. Com Ele, ela se oferece toda inteira. Ela se une à Sua intercessão junto ao Pai por todos os homens. Na Missa, o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros de Seu Corpo. A vida de cada fiel, seu louvor, suas dores, sua oração, seu trabalho é unido aos de Cristo e à Sua oferenda total e adquire assim um valor novo. O sacrifício de Cristo presente sobre o altar dá a todas as gerações de cristãos a possibilidade de se unir a Seu sacrifício.

# 1332 (chama-se) Santa Missa porque a liturgia na qual se realiza o mistério da salvação se conclui pelo envio dos fiéis (*missio*) a fim de que eles cumpram a vontade de Deus em sua vida quotidiana.

Na Missa, se exerce de modo absolutamente único aquela união com Cristo-Cabeça. E "por Cristo, com Cristo e em Cristo" somos levados ao Pai. Do mesmo modo que o Sol, que é luz, dá a participar luz ao ar e o fogo, que é calor, dá a participar calor a um metal a ele exposto, assim a Filiação do Verbo nos é dada em participação por Cristo. Pelo Batismo somos conectados nEle, e na Missa Cristo nos une a seu Sacrifício ante o Pai.

Cristo, que "me amou e se entregou a Si mesmo por mim" (Gal 2,20), associa-me a Seu sacrifício. São Paulo que afirma que o sacrifício de Cristo foi superabundante ("onde avultou o pecado, superabundou a graça" Rom 5, 18-20) é o mesmo que diz - de modo aparentemente contraditório: "Eu *completo* (!?) em minha carne o que falta (!?) aos sofrimentos de Cristo" (Col 1, 24). E é que Cristo vive nos cristãos: pelo Batismo, participamos de Sua vida e de sua obra redentora...

### **A mística da vida quotidiana**

Apresentamos a seguir a sentença mais contundente de Tomás no sentido de afirmação da realidade quotidiana como centro da contemplação. É certo que a felicidade definitiva do homem reside na posse de Deus da bem aventurança final, pelo olhar de amor; mas, para o Aquinate, essa felicidade não é algo meramente "transferido" para depois da morte, e sim, algo que irrompe, que já principia (deve principiar) nesta vida, pela fruição do bem de Deus nos bens do mundo, até mesmo em um copo de água fresca num dia de calor:

"Assim como o bem criado é uma certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é uma certa semelhança e participação da bem-aventurança final" (*De malo* 5,1, ad 5)<sup>13</sup>.

Na verdade, esse *insight* já se encontra, de algum modo, até no pré socrático Heráclito. Para nos aproximarmos da relação entre Deus e o cotidiano, e mais ainda entre Deus e o trivial, devemos remontar a um emblemático episódio, protagonizado por esse grande pensador nos alvares da filosofia. O episódio é narrado por Aristóteles<sup>14</sup>:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: "Mesmo aqui os deuses também estão presentes"<sup>15</sup>

Em vez do "sábio" por eles imaginado, imerso nas profundezas do pensamento, investigando os segredos da divindade, esses visitantes decepcionados

---

<sup>13</sup>. "Sicut bonum creatum est quaedam similitudo et participatio boni increati, ita adeptio boni creati est quaedam similitudinaria beatitudo".

<sup>14</sup> *De part. anim.*, A5 645 a 17 e ss.

<sup>15</sup> *apud* Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 22.

encontram Heráclito prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. E o filósofo tem que instruir esses curiosos desavisados:

... Mesmo aqui, junto ao forno, mesmo neste lugar cotidiano e comum onde cada coisa e situação, cada ato e pensamento se oferecem de maneira confiante, familiar e ordinária, "mesmo aqui", nesta dimensão do ordinário, os deuses também estão presentes. A essência dos deuses, tal como apareceu para os gregos, é precisamente esse aparecimento, entendido como um olhar a tal ponto compenetrado no ordinário que, atravessando-o e perpassando-o, é o próprio extraordinário o que se expõe na dimensão do ordinário<sup>16</sup>.

Se a religião e a filosofia têm a missão de recordar "essenciais esquecidos", esse episódio, mesmo em sua interpretação superficial, já teria o imenso mérito de lembrar a presença de Deus no cotidiano. O alcance do posicionamento de Heráclito é, porém, ainda mais profundo e a análise de Heidegger chega a uma conclusão muito forte, e como ele mesmo diz: "curiosa". É o que, em português, podemos expressar, lendo o "mesmo aqui" de Heráclito, como "aqui mesmo"! E é que, no fundo, Heráclito não diz "Mesmo aqui estão os deuses", mas sim: "É aqui mesmo que estão os deuses". Aqui mesmo: junto ao forno, no trivial do cotidiano:

Quando o pensador diz "Mesmo aqui", junto ao forno, vigora o extraordinário, quer dizer na verdade: **só aqui** há vigência dos deuses. Onde realmente? No inaparente do cotidiano<sup>17</sup>.

Lendo essa análise de Heidegger é impossível não recordar a obra de Adélia Prado, na qual precisamente o cotidiano aparece como o *habitat* da dádiva de Deus. Sua arte faz-nos ver (ou entrever...) e lembrar essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano e, sem ela, recaímos na cotidiana desolação, como ela mesma expressou:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo<sup>18</sup>.

Neste verso genial, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais (e sua inter-conexão) de que estamos falando: Deus-cotidiano-arte-mística. É pela mão do artista que, também nós, os não artistas, podemos ver o *plus*, para além da mera pedra.

É a proposta de espiritualidade da poeta Adélia Prado. Em conferência no programa "Sempre um Papo", TV Câmara, 06-08-08 (<http://www.sempreumpapo.com.br>).

---

<sup>16</sup> Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, pp. 23-24.

<sup>17</sup> Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 24. E Heidegger prossegue: "Não é preciso evitar o conhecido e o ordinário e perseguir o extravagante, o excitante e o estimulante na esperança ilusória de, assim, encontrar o extraordinário. Vocês devem simplesmente permanecer em seu cotidiano e ordinário, como eu aqui, que me abrigo e aqueço junto ao forno. Não será isso que faço, e esse lugar em que me aconcho, já suficientemente rico em sinais? O forno presenteia o pão. Como pode o homem viver sem a dádiva do pão? Essa dádiva do forno é o sinal indicador do que são os *theoí*, os deuses. São os *daíontes*, os que se oferecem como extraordinário na intimidade do ordinário." Etc.

<sup>18</sup> Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p.199

com.br/audiovideo/index.php) Adélia Prado reafirmou a visão de mundo que informa sua poesia: a mística do cotidiano.

E é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda. E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas as experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes - “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” -, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido. Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário) (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida. O nosso heroico, o nosso heroísmo é deste cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis... O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro: “Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes (...)”.

E mais:

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irremediáveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pousa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas<sup>19</sup>.

É o que expressa também um notável depoimento de Tom Jobim, que, a seu modo, explicita a concepção de participação no sentido tomasiano, como já Lauand pôde registrar em um estudo de 1991:

---

<sup>19</sup> Prado, Adélia "Poesia e Filosofia", in Lauand, Jean *Interfaces*, São Paulo, Hottopos, 1997, pp. 23-124.

É o depoimento, imensamente profundo, dado por Tom Jobim sobre a criação artística em recente entrevista quando foi contemplado nos EUA com a mais alta distinção com que pode ser premiado um compositor, o *Hall of Fame*:

“Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até *participar* dela quando faz um samba de manhã”. E complementa: “Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã”<sup>20</sup>.

A consciência dessa participação na filiação divina, que alcança as realidades mais prosaicas do nosso cotidiano, é, parece-nos, a essência das novidades do CIC para o cristão de nosso tempo.

### Referências bibliográficas

- [1] Weisheipl, James A. *Tomás de Aquino - Vida, obras y doctrina*, Pamplona, Eunsa, 1994, p. 16.
- [2] Ocariz, F. *Hijos de Dios en Cristo*, Pamplona, Eunsa, 1972, pp. 42 e ss.
- [3] Tomás de Aquino: Verdade e Conhecimento, São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- [4] J. Maritain, "L'humanisme de Saint Thomas d'Aquin", in *Mediaeval Studies*, 3 (1941).
- [5] TORREL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino: mestre espiritual*. São Paulo: Loyola, 2008.
- [6] *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro, José Olympio, 6a. ed., 1979, p. 71.
- [7] Thomas Aquinas and Participation, in: WIPPEL, J. F. (Ed.) *Studies in medieval philosophy*. Washington DC, 1987, pp. 117-158.
- [8] Razão, Natureza e Graça - Tomás de Aquino em Sentenças Estudos introdutórios e tradução - Jean Lauand  
<http://www.hottopos.com/mp3/sentom.htm>
- [9] BJe – Bíblia de Jerusalém  
<http://www.bibliaonline.net/biblia>
- [10] Catecismo da Igreja Católica  
[http://www.vatican.va/archive/ccc/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/ccc/index_po.htm)
- [11] Castro, Roberto Carlos Gomes de  
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26012011-094150/pt-br.php>

Recebido para publicação em 12-01-15; aceito em 15-02-15

---

<sup>20</sup>. "A Filosofia da arte de S. Tomás e Tom Jobim", *Atualidade*, semanário da PUC-PR, N. 246, 28-7 a 3-8-91, p.8.